

## 20 ANOS: CÉLIA GOUVÊA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA\*

Maurice Vaneau

Há alguns anos, visitei uma antiga fábrica num bairro industrial de Bruxelas que cheira a chocolate, devido à vizinhança imediata da mais conhecida fábrica de chocolate belga.

Este acontecimento não teria grande interesse se não fosse pela presença daqueles que me convidaram a fazer essa visita: Maurice Huisman, diretor da Ópera Nacional e Maurice Béjart, diretor artístico do Ballet du XX<sup>ème</sup> Siècle. A ideia de ambos era a de transformar essa fábrica num centro onde jovens do mundo inteiro, além de estudar dança clássica e moderna, receberiam uma formação vocal, praticariam yoga e trabalhariam ritmo, interpretação dramática de textos e jogo cênico, formando finalmente atores-bailarinos-cantores-percussionistas-acrobatas, que são os criadores e intérpretes completos que o teatro de hoje necessita.

Entusiasmadíssimo com o projeto, divulguei a notícia logo que voltei para o Brasil, informando que haveria em breve um audição para selecionar candidatos de 15 a 21 anos, sem distinção de raça ou nacionalidade.

Um ano depois, nascia o “Mudra” – Centro de Aperfeiçoamento e de Pesquisa dos Intérpretes do Espetáculo – (Mudra quer dizer gesto sânscrito).

Dos 400 candidatos de todos os continentes que passaram a audição, apenas 24 foram aceitos (provisoriamente). Entre esses 24 estagiários, havia duas brasileiras: Juliana Carneiro da Cunha e Célia Gouvêa. Desses, apenas 8 conseguiram chegar ao fim do ciclo completo do Mudra (1 belga, 1 marroquino, 1 malgache, 1 francês, uma canadense, 1 franco-espanhola e as duas brasileiras).

Durante os últimos 4 anos, vivi quase dia a dia o trabalho dos “mudristas”. Esse dia a dia começava entre 8h30 e 9 horas da manhã e acabava muito depois do pôr do sol, depois da última improvisação, pesquisa vocal ou gestual. Vivi esse dia a dia, e presenciei os momentos de pânico, de crise, de desespero às vezes – até que finalmente, numa noite no Cirque Royal de Bruxelas, a explosão, a grande alegria, única, inesquecível, de jovens artistas enfrentando o público pela primeira vez, com uma maneira nova, diferente, de fazer teatro. Foi, para mim, uma noite extraordinária, um dos momentos mais comoventes em 25 anos de vida teatral.

Passaram-se 20 anos desde que escrevi essas linhas para o programa de “Caminhada”, o primeiro espetáculo de Célia apresentado em São Paulo, após a sua decisão de voltar à sua terra natal, solidarizando-se com aqueles que sentiam a necessidade de repensar os caminhos da dança no Brasil, como Marilena Ansaldi e Márika Gidali, desenvolvendo semente plantada por Renée Gumiel e Maria Duschenes.

A intenção de Célia era formar um grupo estável de dança-teatro com base na formação mudrista e a experiência adquirida nas tournées, pela Europa, com o “Théâtre de Recherche de Bruxelles” do qual era co-fundadora com Maguy Marin e outros companheiros formados no MUDRA de M. Béjart. Passaram-se 20 anos... Comemora-se? Festeja-se? Ou simplesmente constata-se? Contrata-se, antes de mais nada, que Caminhada teve cerca de 60 apresentações, fato inédito para a época. Até então, com exceção da bela, porém, infelizmente, frágil iniciativa de Ciccilo Matarazzo com o “Ballet do IV Centenário” e, mais recentemente, o Ballet Stagium; a maioria dos grupos era praticamente condenada e reduzida a algumas apresentações furtivas, numa ou outra

\* Texto publicado originalmente em: **20 anos Célia Gouvêa de dança contemporânea**. [São Paulo, SESC Consolação - 1994]. [p. 1]. Programa de espetáculo em comemoração aos 20 anos de atividades em dança contemporânea de Célia Gouvêa.

segunda-feira, aproveitando o dia de descanso das companhias teatrais, ou numas aparições fugazes nas temporadas líricas não menos fugazes.

Constata-se, com Linneu Dias, no livro “Dança Moderna”, editado pela Secretaria Municipal de Cultura, que “Caminhada” deu o tom do Galpão como Teatro da Dança, numa experiência de linguagem adiantada para a época, dando início a um período fértil e histórico no desenvolvimento da dança em São Paulo.

Sim. Constata-se que, sem o luxo do efêmero “Ballet do IV Centenário”, a dança contemporânea brasileira tomava um novo impulso, uma injeção de sangue novo. Entrava pela porta estreita (a porta dos fundos), mas desta vez para ficar.

Para ficar?

Célia conquistou público, acumulou críticas excelentes, os maiores prêmios e bolsas importantíssimas do CNPq, VITAE, FAPESP e da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, que pela primeira e única vez, até agora, distinguiu um coreógrafo brasileiro.

Foram esses prêmios que permitiram a Célia manter acesa a chama ardente e enfrentar a perpétua inércia da maioria dos órgãos oficiais de apoio à Cultura.

Sem sombra de dúvida, Célia Gouvêa está entre os melhores, mais criativos, ousados e pessoais coreógrafos que aqui atuaram. “Escorpião” obcecado pela sua arte. Culta, inteligente e “workadict” inveterada, travando nesses 20 anos, uma luta desigual e ingrata, mas também enfrentando muitas, sérias e constantes dificuldades econômicas, Célia criou mais de 40 coreografias originais.

A continuidade do trabalho de C. Gouvêa poderá dar-nos uma companhia de Dança Contemporânea como ainda não temos. Uma cidade que amplia o seu espectro coreográfico não pode deixar de ter lugar para uma contribuição deste comprovado valor. (Sérgio Viotti, “Jornal da Tarde”, 2/10/1979).

Até hoje, porém, as palavras de Viotti não encontraram eco. O sonho “patriótico”, de Célia, de voltar para sua terra natal e criar uma companhia estável de Dança Contemporânea, não se concretizou.

Por que será? Qual o motivo? A dança contemporânea no Brasil ainda provoca desconfiança?

Célia virou prata da casa, não vem de fora e ainda por cima é mulher?

Lembro-me, muitos anos atrás, em Paris, ter dito a um repórter do jornal “O Globo” que acreditava mais no potencial da mulher brasileira do que no do homem. Ele (o repórter), mudou três vezes de cor e quase se transformou num verdadeiro “Incrível Hulk”, de tão ultrajado nos seus brios, na sua lendária virilidade nacional.

Pois bem. Virilidade nacional à parte, ninguém em sã consciência pode esquecer que a primeira grande ruptura na dança deste século foi iniciativa de uma mulher chamada Isadora Duncan.

Desde então, de Mary Wigman, Doris Humphrey, etc., até Pina Bausch, Twyla Tharp ou Anne De Keersmaeker, a contribuição das mulheres na dança foi de inquestionável importância.

O sonho de Célia não era movido por um desejo egocêntrico. Aspirava à conquista de condições materiais mínimas indispensáveis à consolidação do trabalho realizado, dando continuidade ao seu desenvolvimento, reunindo talentos (não faltam), com o objetivo de criar uma dança contemporânea brasileira, como existe a americana, a alemã, a francesa, etc. Ninguém que se dedica à dança neste Brasil tem o lugar que merece. Aliás, nenhum artista, nenhum cientista e nenhum trabalhador na verdade (talvez porque muitos dos nossos congressistas também não têm...).

O artista cênico brasileiro, de modo geral, vive de chapéu na mão. Mas no caso da dança, a situação é pior ainda. O mote parece ser: escolheu a dança? Dançou! Quem quer dançar “dança”! Quer fazer dança? Então “dança”!

É uma lástima!

É uma lástima, porque o povo brasileiro é um ser dançante por natureza. Sem dúvida herdou esta qualidade dos negros da África. Não estou me referindo tão somente ao “terrível” rebolado das nossas baianas. O brasileiro não tem educação inglesa, portanto não precisa sentir vergonha de falar com as mãos. Mas, ele se acha ainda com o direito de utilizar todas as articulações que Deus, também brasileiro, lhe deu.

O brasileiro tem o ritmo no corpo, nas veias, no sangue, mas o dançarino brasileiro, salvo algumas exceções, é condenado a trabalhar em condições beirando a indecência. Somente a abnegação, a paixão pela Dança faz com que ele aguente o cansaço, a humilhação e os momentos de desespero que o leva, às vezes, a desistir ou a emigrar para o primeiro mundo.

Quantos rapazes e moças, quantos talentos, que integraram os grupos de Célia e outros teimosos que insistem, contra ventos e marés, a desenvolver a linguagem da dança no Brasil, atuam hoje nos EUA, na Inglaterra, na França, Portugal, Holanda e Alemanha? Quantos anos ainda vamos assistir impassíveis à evasão dos nossos dançarinos?

A vida cotidiana de um profissional de dança é tão, se não mais, extenuante, e sua carreira tão curta, quanto a de um jogador de futebol, mas sem os privilégios de isenção de impostos alfandegários, etc. O dançarino brasileiro é que é herói de verdade.

Eu penso como Célia. Acredito no futuro de uma dança contemporânea brasileira. Uma dança não intelectual, cerebral, cartesiana. Uma dança lúdica, sensual, “redonda”, que transmita emoção. À imagem do seu povo. Nós temos um bocado de coisas a dizer sobre este assunto. Só faltam meios, o poder público acordar da letargia e o setor privado agir como membro de uma mesma comunidade.

Gouvêa, pelo que você já realizou nesses vinte anos, com sua garra indestrutível, PARABÉNS! E por tudo o que você ainda vai criar nos próximos vinte, MERDE! BRAKE A LEG! IN BOCCA AL LUPO!